

Publicação e Circulação no Fotojornalismo Contemporâneo: do Arquivamento à Disponibilização

João Guilherme de Melo Peixoto*

Índice

Introdução	2
1 Arquivamento, transmissão e disponibilização: trinômio mais que perfeito do fotojornalismo contemporâneo	4
Conclusão	8
Referências	10

Resumo

Contemporaneamente, o fotojornalismo atravessa alterações as quais reconfiguram drasticamente os campos da produção, edição e circulação da atividade. Em tempos de convergência digital, a publicação expande seus limites e não mais se restringe aos meios de massa tradicionais. O desafio agora é compreender como todo esse material produzido poderá ser acessado pelos leitores/usuários, tomando por base os eixos da transmissão, da disponibilização e do arquivamento.

Palavras-chave: fotojornalismo; convergência digital; circulação; distribuição

*Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, email: joaogmpeixoto@gmail.com.

Introdução

NOVOS SUPORTES, novas ferramentas de visualização e disseminação de conteúdo. Se antes o fotojornalismo encontrava nos espaços reservados das páginas de jornal e/ou revistas seu ambiente para publicação, hoje com o advento e o desenvolvimento das tecnologias da comunicação atrelados à cultura da convergência (JENKINS, 2006), constata-se alterações nos aspectos relacionados ao consumo de imagens em ambiente de rede e, conseqüentemente, modificações na cadeia do fotojornalismo desde o arquivamento até a disponibilização do material produzido.

Do ponto de vista da fotografia jornalística, adquire especial interesse a questão da multimídia. A utilização de multimídia interativa, por meio da infográfica digital, por exemplo, integrando texto, gráficos, áudio, fotos e vídeo, cria um novo formato coerente e interativo para constituir a notícia, oferecendo uma pluralidade maior de pontos de vista. (RIBAS APUD MUNHOZ, 2007, p. 70).

E para traduzir algumas dessas mudanças no campo do fotojornalismo em tempos de rede de dados, pode-se destacar três grandes fases do jornalismo de Web definidas como salutares para o desenvolvimento da atividade fotojornalística (PALACIOS e outros, 2002 *apud* MUNHOZ, 2007, p. 121):

- a) um primeiro momento onde o jornalismo é caracterizado pelo modelo “transpositivo”, quando os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos;
- b) uma segunda fase de desenvolvimento quando, mesmo ‘atrelado’ ao modelo do jornal impresso, os produtos começam a apresentar experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede, chamada fase da “metáfora”;
- c) um terceiro e atual momento que corresponde a um estágio mais avançado designado como fase do “Webjornalismo” propriamente dita, com produção de sites jornalísticos que começam a se distanciar do modelo puramente metafórico da fase anterior.

Nesta primeira etapa, o fotojornalismo ocupa um papel absolutamente secundário. De conteúdo meramente transpositivo, os jornais veiculados na rede mundial de computadores apenas se limitavam a reproduzir fidedignamente o conteúdo de suas versões impressas. Contudo, a partir da segunda etapa, pode-se dizer que as imagens começam a fazer parte dos *sites* que veiculam material jornalístico. Ainda apresentando uma qualidade bastante reduzida, as fotografias publicadas nos sítios jornalísticos aparecem em tamanho reduzido, em formato denominado *thumbnail*¹ com a função de ilustrar as matérias mais importantes ali relacionadas (MUNHOZ, 2007, p. 64). Entretanto, devido à defasagem na qualidade da conexão, muitas vezes, era oferecido ao leitor / usuário versões *text only*, nas quais as imagens eram suprimidas para dar mais agilidade e rapidez no processamento dos dados.

Após o surgimento da terceira geração de *websites*, a produção fotojornalística adquire uma maior representatividade. Recursos multimidiáticos possibilitaram ao leitor / usuário uma interação direta com o conteúdo fotojornalístico, que, agora, se agrega a *links*, *slideshows*, recursos de áudio e vídeo, expandindo, assim, a usabilidade do material captado.

Ao tomar como base as características dessa terceira geração de webjornais, constata-se que, para compreender a lógica contemporânea de publicação / circulação da produção fotojornalística, três grandes eixos devem ser dissecados: o arquivamento, a transmissão, e a disponibilização das imagens na rede mundial de computadores (Figura 01).



Figura 01 – Organograma Publicação / Circulação das imagens digitais

¹ O thumbnail é uma foto em tamanho miniatura, dimensões em média entre 55 X 55 pixels e aproximadamente 200 X 200 pixels, o tamanho de uma prova contato. Este pode ou não se constituir num link que remeta o leitor para uma ampliação, outra foto, etc.

1 Arquivamento, transmissão e disponibilização: trinômio mais que perfeito do fotojornalismo contemporâneo

No que diz respeito à transmissão, um dos pilares nos quais o fotojornalismo em sintonia com a cultura da convergência se sustenta, uma das alterações mais representativas para a atividade tem por base o surgimento e desenvolvimento da rede de transmissão de dados via banda larga. Se antes, nos primeiros momentos da popularização da *web*, a conexão de baixa qualidade apenas permitia a utilização de imagens de baixa resolução, hoje o que se pode observar é o emprego de encadeamento de imagens como narrativa seqüencial de fatos ou como um ensaio fotográfico na forma de *slideshow* (MUNHOZ, 2007, p. 69). Tal característica aproxima ainda mais a prática fotojornalística ao fenômeno da convergência. E, com o advento dessa cobertura mais “convergida” (fotografia + texto + vídeo + som), o registro fotojornalístico agora apresenta novos horizontes a serem captados: imagens que transcendem detalhes quase que imperceptíveis a olho nu; cenas as mais dinâmicas possíveis, semelhantes a uma transmissão de TV. Isso leva o fotojornalismo a novas esfera de significância, a novas e específicas formas de abordagem da realidade.

Atrelado a esta mudança, softwares de transmissão de dados auxiliam fotojornalistas e editores, os quais não necessitam mais aguardar o retorno do profissional à redação para avaliar o material que será publicado. Esta nova dinâmica de transmissão de informação aumentou a eficiência e simplificou o trabalho dos fotojornalistas. Como exemplo, observa-se a cobertura da Copa do Mundo de futebol em 1986, realizada no México, em que alguns veículos de comunicação foram obrigados a levar verdadeiros mini - laboratórios de impressão de fotografia para que a cobertura pudesse ser feita a tempo. Ao comparar esse evento, em meados da década de oitenta do século passado, com outro, mais recente (a copa do mundo de futebol de 2006, na Alemanha, ou mesmo a edição na África do Sul, em 2010), impressiona a diferença: mais velocidade na transmissão, além de maior agilidade por parte do uso do equipamento.

Já no que diz respeito ao arquivamento, com o desenvolvimento do suporte digital, fez-se necessário definir uma formatação padrão para a

produção fotojornalística contemporânea, assim como o negativo de 35 (trinta e cinco) milímetros perdurou como o referencial absoluto para a atividade no início do século XX.

Embora existam diferentes formatos de arquivos de imagens, nem todos são utilizados ou se prestam às necessidades do fotojornalismo. As imagens digitais são armazenadas em arquivos de bitmaps – mapas de bits. “Imagens em bitmaps são formadas por pixels e são definidas por suas dimensões, bem como pelo número de cores incorporadas. Como tais imagens só podem ser impressas ou visualizadas no tamanho determinado pelo número de pixels existentes na imagem, os arquivos tendem a ser muito grandes. (NIEDERST APUD FELZ, 2007, p. 07)

Para solucionar problemas referentes a questões que envolviam qualidade e estocagem, padrões de compressão foram selecionados no intuito de possibilitar que fotografias muitas vezes “pesadas” (arquivos gerados com muitos dados) possam ser tanto disponibilizadas e visualizadas facilmente nos arquivos das próprias empresas de comunicação, quanto acessadas facilmente por quem navega nos portais e sites desses veículos. Para isso, definiu-se como compressão padrão para fotografias veiculadas na internet o formato *JPEG*², o qual se mostra empregado nas páginas da *web*, para disponibilização em redações e banco de imagens.

E em decorrência destas alterações na transmissão e no formato de armazenamento da produção fotojornalística contemporânea, observa-se também uma evolução no âmbito da disponibilização por parte dos produtores e editores de conteúdo deste material no mundo virtual. Se, há algum tempo, jornais impressos e revistas especializadas representavam os únicos veículos responsáveis por disseminar o produto final

² Padrão JPEG – Joint Photographic Experts Group: é muito utilizado na Internet Possui uma compressão não fixa, isto é, conforme a variação de cores da imagem, poderá haver uma variação na compressão ativa desta imagem. Imagens salvas neste formato perdem qualidade a cada vez que são manipuladas Todo arquivo JPG possui um parâmetro de qualidade de compressão, onde quanto maior for, menor qualidade a imagem terá. Normalmente um arquivo em JPG possui 8 bits para cada canal RGB, o que significa 24 bits para cada pixel na fotografia, e um máximo de 16 milhões de cores na imagem.

obtido pelos repórteres fotográficos, agora, esse conteúdo pode ser encontrado em diversos *sites*, *blogs* e portais, em meio ao universos virtual. Como exemplos podemos citar o *Big Picture*, um *blog* hospedado no site do jornal *Boston Globe* (Figura 02). Esse blog tem por objetivo reunir material de diversas agências de imagens (Associated Press, Getty Imagens, France Press) e publicá-lo com uma excelente qualidade gráfica. Os leitores / usuários podem opinar a respeito da seleção, que ocorre semanalmente.



Figura 02 – *The Big Picture*
(<http://www.boston.com/bigpicture>)

Outro exemplo de destaque na mídia internacional é o *blog Lens*, uma recente produção do jornal *The New York Times* para disseminar a produção fotojornalística de alguns de seus fotógrafos e também de leitores / usuários (Figura 03).



Figura 03 – *Blog Lens*, do jornal *The New York Times*
(<http://lens.blogs.nytimes.com/>)

E sobre essa possibilidade de participação do leitor / usuário nessas experiências comunicacionais, mostra-se latente a abertura de canais de comunicação que não só visam estabelecer um diálogo com o usuário, mas também o forçam ao extremo, sugerindo sua participação ativa naquele espaço, ficando o mesmo, se desejar, livre para enviar material para que seja publicado e avaliado por outros usuários. Eis umas das características mais importantes da rede mundial de computadores: a interatividade.

Outro aspecto importante é a exploração de recursos os quais apontem para uma maior aproximação do material produzido para com os próprios sujeitos que o compõem: a utilização de narração/descrição de cenas captadas ou até mesmo a inserção de depoimentos de fontes as quais se faziam presentes no momento da captação das imagens. Tal procedimento afasta ainda mais o conteúdo fotojornalístico de uma suposta objetividade procedimental e o aproxima de uma cobertura mais aberta e participativa.

Constata-se, pois, que o ofício fotojornalístico contemporâneo conecta-se a diversas outras atividades as quais também tem por objetivo comunicar, contar histórias. Hoje, com o advento e a evolução das tec-

nologias de produção, edição e circulação de imagens, pode-se reportar com muito mais envolvimento, buscando com isto refletir também para o leitor uma nova postura diante dos temas, das pautas, dos personagens escolhidos. Um caminho narrativo o qual prime pela participação, pelo cuidado com a subjetividade.

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem (comportamento de manada) os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores são previsíveis, e ficavam onde mandavam que ficasse, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação (JENKINS, 2008, p. 45).

Conclusão

Para novos desafios, novas propostas. O fotojornalismo, contemporaneamente, atravessa uma mudança de foco, a qual pode ser diagnosticada nos eixos da produção (com novas tecnologias as quais auxiliam os profissionais no momento do clique), da edição (com *softwares* de edição e manipulação de imagens cada vez mais acessíveis nas redações) e também da circulação/disponibilização de todo esse material produzido.

Especificamente no caso da circulação da produção fotojornalística, observa-se que esta se dá através de uma lógica tripartite: Transmissão, arquivamento e disponibilização de conteúdo. O desenvolvimento da tecnologia de banda larga, justaposto à utilização de novos modelos de compressão e arquivamento, assim como o aproveitamento da rede mundial de computadores como ambiente propício a experiências estéticas e tecnológicas no campo do fotojornalismo caracterizam a contemporaneidade como um seleiro de novas oportunidades. Ou seja: falar em morte da atividade fotojornalística é, definitivamente, falar bobagem.

Many photojournalists are not optimistic about the future given the challenges from without (the decline of print, the rise of video, an increasingly skeptical public) and within (the ease of Photoshop manipulation). However, there are

reasons for hope. Research shows that the public's appetite for news and information is greater than ever before. And the public's love for, fascination with, and connection to photography is also at an all-time high, thanks to digital photography, photo-sharing, and other technological innovations.

The challenge, then, is for photojournalists to provide the kind of news images that the public can enjoy, respect—and perhaps even aspire to create themselves. Photojournalists can only hope to achieve this by maintaining, and enforcing, ethical standards that clearly elevate them above their audiences³. (BARADEL AND STACK, 2008, p. 50)

Deve-se ter em mente que para o fotojornalismo contemporâneo, essas questões representam a sua própria evolução. A interatividade, a personalização de conteúdo, a multimídia, todos esses conceitos fazem parte do processo de desenvolvimento da sociedade em rede (CASTELLS, 1999) e, conseqüentemente, da própria evolução das atividades que estão relacionadas ao mundo virtual. E o fotojornalismo é uma delas.

A fotografia empregada na Web, como recurso de narrativa jornalística, que inclui a possibilidade de uma maior interatividade, de personalização e memória decorrentes diretas das características da própria Internet é um elemento multimídia passível de ser utilizado na webnotícia (FERREIRA, 2004).

Decorrente das problemáticas aqui levantadas pode-se já levantar questionamentos a respeito de outros temas, como a relação entre a produção e a circulação dessa produção fotojornalística contemporânea,

³ [Tradução Livre] Muitos fotojornalistas não estão otimistas sobre o futuro face aos desafios de fora (o declínio da imprensa, o surgimento do vídeo, um público cada vez mais cético) e dentro (a facilidade de manipulação do Photoshop). No entanto, há razões para esperança. Pesquisas mostram que o apetite do público para notícias e informações é maior do que nunca. E o amor do público e a ligação à fotografia também está em um ponto mais alto, graças à fotografia digital, de partilha de fotografias e outras inovações tecnológicas. O desafio, então, para os fotojornalistas é fornecer o tipo de imagens notícia de que o público pode apreciar, respeitar e talvez até mesmo aspirar a criar-se. Fotojornalistas só esperam conseguir isso mantendo e reforçando as normas éticas que claramente eléva-los em meio a suas audiências.

agora não mais ancorada a uma linearidade estritamente conectada ao real, ao mensurável. Com a Internet, as possibilidades de distribuição e disseminação desse conteúdo visual são amplificadas a níveis ainda desconhecidos.

Referências

- ANDERSON, Cris (2006), *A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*, Rio de Janeiro: Tradução Afonso Celso da Cunha Serra, Elsevier.
- BAPTISTA, Eugênio Sávio Lessa (2000), *Fotografia Digital no Brasil: a imagem na imprensa da era pós-fotografia*, Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BARADELL, Scott; STACK, Anh D. (2008), *Photojournalism, technology and ethics: what's right and wrong today?* Black Star Publishing Co, 2008.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder (2007), *Imagens semoventes: fotografia e multimídia no webjornalismo*, Santos: Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
- CAMPBELL, David (2010), *Photojournalism in the new media economy*, Nieman Reports.
- CASTELLS, Manuel (1999), *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, São Paulo: Vol 1: a sociedade em rede Paz e Terra.
- COUCHOT, Edmond (2003), *A tecnologia na Arte. Da fotografia à realidade virtual*, Porto Alegre: Editora UFRGS.
- CRARY, J. (1991), *Techniques of observer*, Cambridge: MIT Press.
- FATORELLI, Antonio (2007), *Fotografia e Novas mídias. FotoRio*, Rio de Janeiro: ContraCapa.

- FAVILLA, André Luis (1998), *A imagem híbrida: a síntese entre o universo fotográfico e o digital*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- FERREIRA, Jorge Carlos Felz (2003), *A imagem na Web: Fotojornalismo e Internet*.
- GIACOMELLI, Ivan Luiz (2000), *Impacto da Fotografia Digital no Fotojornalismo Diário: Um Estudo de Caso*, 1v, 105p, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- JENKINS, H (2006), *Convergence Culture. Where Old and New Media Collide*, New York: New York University Press.
- LAWSON-BORDERS, Gracie (2006), *Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers*, New Jersey: LEA Publishers.
- LANGTON, Loup (2009), *Photojournalism and today's news: creating visual reality*, Oxford: Wiley-Blackwell.
- MACHADO, Elias (2003), *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*, Salvador: Calandra.
- MAMEDE, José Carlos (1997), *A realidade da imagem: um estudo da visualidade a partir da fotografia*.
- MITCHELL, William (1994), *The Reconfigured Eye. Visual truth in the post photographic era*, Cambridge: MA, Mit Press.
- MUNHOZ, Paulo César Vialle (2006), *Fotojornalismo, internet e participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta*, Salvador: Dissertação de mestrado.
- MUNIZ NETO, Alcebiardes (1999), *O fotojornalismo na era digital*.
- PERESS, Gilles; RITCHIN, Fred. *Bósnia: Uncertain patch to peace*. Disponível em: <http://www.pixelpress.org/bosnia/intro.html>, Consultado a 10 de junho de 2010.
- RISSON, Daniela (2002), *O Fotojornalismo Muda com o Digital?* Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

- RITCHIN, Fred (2009). *After Photography*, WW. Norton & Company.
- ROUILLEE, André (2009), *A fotografia entre o documento e arte contemporânea*, São Paulo: SENAC.
- DOS SANTOS, Gianne Carvalho Soares (2003), *O Fotojornalismo na Era Digital*, 1v. 114p. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado.
- SCHIMITT, Fernando Bohrer (1999), *Fotografia: do analógico ao digital*, Rio Grande do Sul: Dissertação de Mestrado, 122 p.
- SILVA JUNIOR, José Afonso (2008), *Permanência e desvio no fotojornalismo em tempo de convergência digital: elementos para uma discussão preliminar*, Natal: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
- SINCO, Luis (2010), The Marlboro Marine. Disponível em: <http://www.mediastorm.com/publication/the-marlboro-marine>, Consultado a 10 de junho de 2010.
- SOUSA, Jorge Pedro (2004). *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*, Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- STORM, Brain (2010), *A different approach to storytelling*, Nieman Reports.